



## REFLEXÕES SOBRE A APROPRIAÇÃO DO MÉDIEVO NA POLÍTICA DIREITISTA BRASILEIRA

Reflections on the Appropriation of the middle ages in Brazilian Right-Wing Politics

OLIVEIRA, Anderson Douglas Dias de <sup>1</sup>  
TORRES, Júlia Bruna de Almeida <sup>2</sup>

**RESUMO:** O artigo aborda a disseminação de informações equivocadas sobre a Idade Média na internet, destacando como estereótipos negativos e simplificações históricas distorcem a compreensão desse período. Analisa a apropriação de símbolos e expressões medievais pela extrema-direita brasileira, como "Deus Vult" e a estética dos cavaleiros templários, para promover discursos de ódio e nacionalismo. Exemplos incluem manifestações de apoiadores políticos, como Paulo Kogos em trajes templários, e referências feitas por figuras públicas, como Felipe Martins. A pesquisa utiliza autores como Paulo Pachá e Andrew B. Elliott para contextualizar esse fenômeno global e histórico. Como resultado, foram desenvolvidos um site e uma cartilha didática para combater mitos, questionar discursos e incentivar o uso de fontes confiáveis no aprendizado de história, respondendo à pergunta central: por que a direita brasileira se apropria da estética medieval?

**PALAVRAS-CHAVE:** Idade Média. Cruzadas. Direita brasileira. Templários.

**ABSTRACT:** The article examines the spread of misinformation about the Middle Ages on the internet, focusing on how negative stereotypes and historical oversimplifications distort the understanding of this period. It explores the appropriation of medieval symbols and expressions by Brazil's far-right, such as "Deus Vult" and the chivalric aesthetic of the Knights Templar, to promote hate speech and nationalism. Examples include political supporters like Paulo Kogos in Templar attire and references by public figures such as Felipe Martins. The study draws on scholars like Paulo Pachá and Andrew B. Elliott to contextualize this global and historical phenomenon. As an outcome, a website and an educational booklet were developed to challenge myths, critique these narratives, and encourage the use of reliable sources in historical learning, addressing the central question: why does Brazil's right-wing appropriate medieval aesthetics?

**KEYWORDS:** Middle Ages. Crusades. Brazilian right. Templars.



## Introdução

A apropriação de símbolos e expressões do período medieval é um fenômeno intrigante observável hodiernamente por movimentos de extrema-direita, tanto no Brasil quanto no exterior. Esses grupos criam distorções que perpetuam estereótipos negativos e geram simplificações históricas, como a utilização das Cruzadas e a figura dos cavaleiros templários. Dessa forma, são notórias as intenções de legitimar visões políticas conservadoras, promovendo ideias nacionalistas, religiosas e racistas. No Brasil, figuras públicas como Jair Bolsonaro e seu ex-assessor Felipe Martins têm explorado esse passado idealizado para reforçar o lema “Deus, Pátria e Família”, resgatando expressões como “Deus vult” que criam discursos que se associam a uma identidade cristã conservadora.

Nesse cenário, é observável nos discursos da extrema-direita o resgate da Idade Média para legitimar narrativas que possuem a intenção de se apropriar de características e expressões medievais. Bem como, é essencial abordar a utilização, em passeatas políticas, de adereços que remetem a essa época, sendo observadas pessoas utilizando trajes com a estética dita cavaleiresca em eventos direitistas. Esse fato levanta reflexões sobre as reais motivações por trás da apropriação dessas narrativas e seu impacto na construção do imaginário popular sobre o medievo. Nesse sentido, é relevante referenciar os autores Vianna e Santos (2023, p.146) ao dizer que “Essas obras midiáticas produzem e se retroalimentam das representações de um passado imaginado que por vezes assume um viés conservador, personalista e androcêntrico quando observamos os diversos discursos que são veiculados a partir da internet”.

Tendo em vista os elementos apresentados acima, uma vez que estão presentes na realidade política do país na época atual, faz-se necessário analisar as reminiscências medievais presentes nos discursos realizados em passeatas e nas redes sociais. Uma vez que, estando na era da pós-verdade, o desafio à autoridade nos permite fazer conceber o significado do passado como quisermos. As declarações são



verificadas posteriormente, em vez de pesquisadas anteriormente (ELLIOTT, 2017). Assim, é essencial desmistificar mitos e oferecer uma compreensão mais precisa e contextualizada desse período histórico, da mesma forma que oferecer um entendimento mais claro e fundamentado da Idade Média, que refuta a apropriação ideológica de símbolos e discursos medievais realizada por grupos políticos de direita, a qual objetiva legitimar visões nacionalistas e conservadoras.

## A Idade Média como Narrativa Ideológica

A ascensão das mídias digitais tem permitido que movimentos de extrema-direita utilizem redes sociais para disseminar narrativas que distorcem a Idade Média, idealizando-a como símbolo de pureza racial, hegemonia cristã e valores conservadores, especialmente em períodos eleitorais. Essas plataformas e fóruns online facilitam a rápida propagação dessas ideias, consolidando grupos em "bolhas" de desinformação que normalizam o uso de símbolos medievais para justificar agendas autoritárias e excludentes.

Na contemporaneidade, observa-se um fenômeno curioso: a reutilização de símbolos que remetem ao período medieval em diversos campos, como a política, a mídia e a moda. A apropriação desse período, no entanto, não é recente, é perceptível até mesmo na análise do seu próprio nome, segundo Pachá (2019), o termo “Idade Média” por si só já é pejorativo, ele nasce de uma necessidade de negativar o passado medieval para positivar um presente que se apresenta como “renascimento”. Além disso, nos séculos XVIII e XIX, haverá uma positivação dessa época com o romantismo. Assim sendo, a Idade Média está constantemente sujeita a ser apropriada e reapropriada de acordo com as demandas do presente.

Este fenômeno é particularmente evidente em discursos políticos no Brasil, onde expressões e imagens associadas ao medievo são utilizadas para sustentar certas narrativas. Além disso, perfis públicos têm recorrido às redes sociais para disseminar informações distorcidas sobre essa época. Tais distorções frequentemente perpetuam



estereótipos negativos e simplificações grosseiras, contribuindo para uma compreensão inadequada do passado. A ideia empregada é pensar o Brasil como essencialmente europeu, que, resultante do processo de colonização por Portugal, de alguma maneira, essa identidade europeia também engloba e se desenvolve na ótica brasileira (PACHÁ, 2019).

Ao investigarmos como essas narrativas são empregadas para moldar o imaginário popular, podemos compreender de que maneira esses estereótipos e ideias são perpetuados, bem como sua influência na percepção pública acerca do passado e do presente. A apropriação de símbolos e discursos medievais por determinados grupos com o intuito de legitimar visões nacionalistas nos leva a questionar a integridade histórica e o uso político do passado. Nesse contexto, é essencial desconstruir narrativas ideológicas que reforçam hierarquias sociais e valores conservadores. Esse tipo de análise nos permite contestar discursos que distorcem a história em defesa de valores cristãos e outras ideologias.

A despeito disso, parte da população brasileira tem dispensado o conhecimento e as informações fundamentadas de especialistas, priorizando conteúdos divulgados por curiosos sem formação acadêmica, mas que conseguem apresentar informações de fácil entendimento e rápida circulação nas redes sociais. Nesse sentido, Vianna e Santos (2023, p.147) ressalta que: “É a partir dessa habilidade de manejá-las dinâmicas e linguagens das mídias que estas produções de narrativas alternativas se perpetuam no imaginário social e político.” Tal fenômeno representa um grande desafio para os professores de História, pois esses conteúdos, mesmo sendo distorcidos, despertam grande interesse do público, especialmente por serem frequentemente abordados por pessoas que não são historiadores.

A deslegitimação do trabalho docente, somada à disseminação de informações sem base científica e à irreverência em relação ao professor, dificulta o enfrentamento de paradigmas históricos equivocados, especialmente sobre a Idade Média. Como apontado por Paulo Pachá (2019), o ensino tradicional do período medieval no ensino



médio favorece a aceitação de narrativas ultrapassadas, frequentemente apropriadas por movimentos de extrema-direita. Para combater essa problemática, é crucial que os professores incentivem o pensamento crítico dos estudantes, desconstruindo falácia e discursos distorcidos.

## O Ressurgimento de "Deus Vult" na Política Contemporânea Brasileira

O termo “Deus vult” (ou “Deus lo vult” em latim) é um grito de guerra associado às Cruzadas medievais. Estas, foram expedições militares sancionadas pela Igreja Católica visando retomar Jerusalém e outras terras sagradas do controle muçulmano. “Deus vult”, que significa “Deus o quer”, refletia a crença dos cruzados de que estavam cumprindo a vontade divina ao lutar. Essa expressão, que passou a ser resgatada pela extrema-direita mundial desde que Donald Trump lançou sua candidatura à presidência dos Estados Unidos no ano de 2016 (PACHÁ, 2019), é frequentemente contextualizada em uma perspectiva de guerra — no caso das cruzadas, essa guerra seria dirigida contra os islâmicos. No entanto, na política atual brasileira, é necessário indagar qual seria a ameaça contra a qual esses grupos se mobilizam.

Na conjuntura política atual, especialmente entre grupos de extrema-direita no Brasil, “Deus vult” costuma ser ressuscitado como um slogan. Esse termo é frequentemente usado para promover uma visão conservadora e nacionalista, muitas vezes associada à ideia de uma guerra cultural contra supostos “inimigos” dos valores tradicionais. Por exemplo, figuras políticas como o blogueiro, analista político e aluno do ensaísta Olavo de Carvalho, Felipe Garcia Martins que, no dia da posse do ex-presidente Jair Bolsonaro, postou em seu Twitter: “A nova era chegou. É tudo nosso! Deus vult!” - no dia 31 de dezembro (Figura 1). Por sua vez, Bolsonaro nomeou Martins como seu Assessor Especial da Presidência para Assuntos Internacionais.



A screenshot of a social media post from Filipe G. Martins (@filgmartin). The post contains the text 'A nova era chegou. É tudo nosso! Deus vult!' and was made at 11:15 PM on December 31, 2018. The post has received 130 comments, 914 likes, 8,000 saves, and 5 shares. The interface shows standard social media interaction icons.

(Figura 1)

Dessa forma, Martins utiliza a expressão "Deus vult" para mobilizar seus apoiadores em torno de uma agenda que valoriza a "família", a "pátria" e a religião cristã. Observa-se também a utilização dessa expressão em diversas montagens criadas para engajar o eleitorado online, ilustrando de maneira mais vívida a imagem de cavaleiro que se busca retratar. Essa iconografia é apresentada de forma motivadora e instigante, visando que o público se sinta engajado e relacionado à figura do templário (Figura 2).



(Figura 2)

Pode-se observar que, na Idade Média, a expressão "Deus vult" era utilizada para indicar uma missão religiosa sancionada pela Igreja, com um objetivo específico e claramente definido. Em contraste, o uso contemporâneo do termo é mais vago e



simbólico, frequentemente empregado para justificar ações políticas que não possuem uma relação direta com os contextos originais das Cruzadas. Essa apropriação moderna pode distorcer a história, promovendo uma imagem romantizada e imprecisa do passado medieval.

É fundamental compreender os perigos inerentes à confluência de política, religião e guerra — três elementos que, idealmente, não deveriam coexistir. A utilização de um grito de guerra em um contexto político-democrático representa uma clara ameaça à democracia, especialmente à luz dos eventos ocorridos em 8 de janeiro.

## A Relação entre o Bolsonarismo e Figura dos Templários

Primeiramente, é indispensável abordar o conceito de medievalismo, que é definido por Ute Berns e Andrew James Johnston como as formas por meio das quais a Idade Média foi apreendida e construída por períodos posteriores. Nesse sentido, é importante destacar que a extrema-direita lida com a produção e consumo de mediavalismos, não partindo de fontes seguras e confiáveis.

Entretanto, não se deve supor que a direita brasileira foi a primeira ou a única a utilizar essa iconografia. O autor Andrew B. Elliott (2017) esclarece que a extrema-direita frequentemente acha adequado fazer o uso desta Idade Média como forma de esconder teorias raciais pseudocientíficas sob o disfarce de ostensiva legitimidade histórica. Observa-se, por exemplo, propagandas políticas nas quais Adolf Hitler é representado como um cavaleiro nobre, montado em um cavalo, vestido com armadura e segurando uma bandeira nazista em uma das mãos (Figura 3).



**(Figura 3)**

Elliott (2017) aponta que, em um contexto de depressão econômica, desinformação generalizada, orgulho nacional ferido e racismo naturalizado, cada movimento sucessivo promoveu um retorno ao passado. Esse passado invocado era uma identidade nacional supostamente compartilhada, permitindo um uso nostálgico da história. A realidade descrita pelo autor apresenta semelhanças significativas com a política brasileira contemporânea, onde o mesmo simbolismo que evoca o retorno ao passado é empregado como um mecanismo de saudosismo, invocando uma nostalgia não apenas em relação à Idade Média, mas também à Ditadura Militar.

É um equívoco supor que essa realidade se restrinja ao ambiente virtual, na verdade, a problemática associada à idolatria de símbolos cavaleirescos se manifesta de maneira alarmante fora da internet. Um exemplo significativo ocorreu no Piauí, onde homens trajados como "cavaleiros templários" interromperam um protesto pacífico em defesa dos direitos das mulheres. Este protesto tinha como objetivo denunciar o aumento dos índices de feminicídio e violência contra a mulher no estado. Durante a manifestação, os indivíduos abordaram as participantes, sugerindo de forma desrespeitosa que elas deveriam "lavar roupas" (Figura 4).



(Figura 4)

Sob ótica desse evento, Pachá (2019) explica que o feminismo também é um alvo claro desses grupos, isso porque eles possuem uma visão parcial e absurda da Idade Média, procurando nela um passado idealizado. Para eles, nessa época os homens eram viris e efetivamente masculinos, poderosos que defendiam a sociedade. E as mulheres, em contrapartida, eram submissas aos homens e estavam preocupadas em cuidar do lar e da família. A ideia presente neste discurso é a de que na Idade Média existiriam “homens de verdade” e na contemporaneidade não mais (PACHÁ, 2019). Com isso, a apropriação de cavaleiros medievais aparece como forma de resgatar esse ideal de masculinidade, branquitude e heteronormatividade.

Para este grupo, a figura do cavaleiro templário medieval representa uma conjunção ideal entre utilidade e estética. A campanha do ex-presidente Jair Bolsonaro foi alicerçada nos princípios de “Deus, Pátria e Família”, como enfatizado em seus discursos. Nesse contexto, a imagem de um cavaleiro armado, engajado em uma "Guerra Santa" contra um inimigo identificado como "o infiel", se alinha perfeitamente com essa narrativa.

Assim, as Cruzadas são particularmente exaltadas porque são consideradas um momento na qual esses elementos se consolidam, visto que, estas seriam, na visão desses grupos, um movimento bélico liderado por um grupo visto como majoritariamente masculino, na qual se tem um conflito primordialmente religioso entre cristianismo e o islamismo, bem como a ideia de disputa entre o Ocidente e o



Oriente (PACHÁ, 2019). Essa associação entre os princípios mencionados e a figura do cavaleiro é frequentemente reforçada por montagens compartilhadas por esses grupos na internet (Figura 5).



(Figura 5)

Nessa perspectiva, é fundamental compreender a islamofobia intrínseca associada à figura do templário, uma vez que, na Terra Santa, esses cavaleiros tinham como objetivo proteger os peregrinos de ataques muçulmanos. Entretanto, segundo Pachá (2019), a questão da islamofobia não se justifica no contexto brasileiro, isso porque, enquanto em outras partes do mundo ela está ligada a interações intensas com comunidades muçulmanas, no Brasil essa realidade é, infelizmente, diferente.

O país não possui um fluxo migratório significativo de indivíduos que professam o islamismo. Essa ausência levanta questionamentos sobre a construção de um “inimigo” e dessa narrativa. Para o autor, a hipótese potencialmente correta seria a de que no Brasil, esse “inimigo” seria a esquerda. Especialmente depois da segunda metade do século XX, quando ocorre a construção de um certo modelo de solidariedade entre a esquerda brasileira e a Palestina, consoante a isso, a extrema-direita recentemente aproxima-se de Israel. Além de seus apoiadores, o próprio Jair Bolsonaro apareceu segurando bandeiras de Israel em atos direitistas, o que coloca o quadro político brasileiro relacionado ao massacre efetuado pelo Estado de Israel na Palestina.

Amiúde, disfarçada sob a aparência de um discurso simplista, a noção de combate associada à direita revela-se significativamente mais complexa e perigosa.



Um exemplo alarmante é o caso de Erick Hiromi, um bolsonarista que disparou tiros contra um grupo de pessoas celebrando a eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), resultando na morte de um homem e uma mulher. Esse incidente ilustra as implicações violentas que podem emergir dessa retórica de combate.

Discursos esse que foi, inclusive, reforçado pelo próprio ex-presidente Bolsonaro em sua cerimônia de posse, quando prometeu: “*unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores*”. Essa narrativa visa posicionar o Brasil como uma nação cristã, estabelecendo conexões entre a identidade nacional e a Idade Média europeia, ao mesmo tempo que reafirma um conjunto de projetos políticos conservadores de longa data. Nesse sentido, Elliott (2017) explica que estas ideias são projetadas para tornarem as ideologias extremistas destes grupos mais palatáveis, populares e inclusivas, o argumento utilizado por eles é de que eles não rejeitam outras raças, eles celebram sua própria herança. Enquanto na realidade estão rejeitando o “outro” não-branco.

Portanto, a influência desses discursos no pensamento e no imaginário da população é significativa. Ao observar Paulo Kogos "vestido de templário" (Figura 7) em eventos e manifestações bolsonaristas, nossa reação inicial pode ser jocosa. No entanto, é fundamental que a retórica e a representação imagética de caráter medieval e cavaleiresco não sejam normalizadas.





(Figura 7)

Kogos, como influenciador e youtuber direitista proeminente, exerce uma influência considerável em seu meio. Essa influência contribui para uma deturpação do que entendemos por Idade Média, moldando o imaginário medieval no inconsciente coletivo brasileiro. Em suma, todas essas formas de opressão contra minorias que vão voltar à Idade Média para tentar encontrar um passado que nunca existiu, uma sociedade que nunca existiu, e usar isso como forma de legitimar determinados pensamentos no presente e projetar uma ideia de sociedade no futuro (PACHÁ, 2019).

### Considerações finais

Os elementos utilizados pela extrema-direita brasileira expostos anteriormente exprimem seus ideais políticos, crenças e objetivos. Como já mencionado, tais discursos e ações legitimam a imposição de uma ideologia cristã e conservadora, seja em usos como o termo “Deus Vult” ou utilização de roupas que remetem aos templários. A Idade Média é, portanto, associada por tais grupos a um período de pureza e ordem para justificar políticas excluientes e reacionárias, promovendo uma visão deturpada do passado visando moldar o presente a partir dos seus interesses. Consoante a Elliott (2017): “O debate, portanto, não é sobre o passado, mas sobre quem possui e controla esse passado.” é de suma importância identificar e analisar os usos e desusos não apenas da Idade Média, mas também de outros períodos históricos.

Dessa forma, ao reconhecer essas manipulações, podemos evitar a incorporação de narrativas históricas distorcidas. Essa conscientização histórica nos permite questionar as intenções subjacentes a tais discursos políticos, promovendo uma compreensão mais crítica do contexto em que vivemos e prevenindo a disseminação de desinformação e preconceito. Dessa forma, o processo de construção dessas narrativas baseadas em elementos medievais é observável a transformação da História para uma história prática, termo muito utilizado por Maria Auxiliadora



Schmidt em seu artigo “Cultura Histórica e Aprendizagem Histórica” (2014), o termo refere-se a apropriação da História para “legitimar” ou influenciar práticas e decisões no presente.

Sendo assim, como resultado da pesquisa, foi elaborado um site visando tornar o conteúdo acessível ao público, seja esse discente ou docente, de modo amplo e irrestrito. Contendo textos educativos e fácil entendimento sobre problemáticas como a utilização do “*Deus vult*”, montagens feitas do ex-presidente Jair Bolsonaro e também o vestuário de roupas e adereços remetentes ao período medieval, bem como, a explicação da Idade Média baseada em fontes históricas seguras. Com o intuito de que o estudante seja capacitado a discernir a problemática relacionada a esse assunto e crítico em relação aos conteúdos consumidos em redes sociais, bem como, que o professor saiba como abordar o tema e a importância dele em sala de aula.

Além disso, foi disponibilizada uma cartilha informativa que pode ser utilizada como material didático para o auxílio na identificação dos iconografias remetentes ao medievo que frequentemente aparecem nas produções midiáticas por parte de grupos extremistas. Nela, está contido o aprofundamento de quais seriam esses símbolos medievais apropriados pela extrema-direita, para deixar o olhar crítico do estudante atento a esse ícones quando presentes em postagens na internet ou até mesmo em discursos e passeatas. Como por exemplo adereços como o capacete templário medieval utilizados como forma de identificação desses grupos, a espada e o escudo costumeiramente portados como representação da ideia de combate pregada, as bandeiras costumeiramente portadas para invocarem o nacionalismo, entre outros signos desenvolvidos. Ambas as produções visam esclarecer como esses símbolos e expressões são empregados na contemporaneidade, além de alertar sobre os riscos de se negligenciar essas narrativas.

Por conseguinte, é imprescindível a compreensão de que o discurso sobre o passado não é inócuo, ele tem consequências no nosso presente (PACHÁ, 2019). Com isso, a compreensão clara do passado e a atenção nos discursos construídos sobre ele



são essenciais, particularmente na contemporaneidade que se revela cada vez mais presente nos meios digitais, especialmente entre os jovens, que consomem conteúdos rápidos e de fácil acesso. Essa dinâmica frequentemente resulta na desconsideração das bases que sustentam os "fatos" apresentados. Quanto mais ágil o acesso à informação, melhor é sua recepção, conforme ilustrado. Nesse contexto, grupos como os mencionados anteriormente utilizam a história prática e elementos históricos para propagar suas estratégias, buscando conectar valores e ideologias contemporâneas a um passado que consideram glorioso e essencial para a construção da identidade nacional.

## Referências

BERTARELLI, Maria Eugenia; AMARAL, Clínio de Oliveira. Longa Idade Média ou apropriações do medievo? Uma reflexão para se descolonizar a idade média através do medievalismo. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 13, n. 33, p. 97–130, 2020. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1555>. Acesso em: 24. mar. 2024.

BRAZ , Gabriella. **Bolsonarista é condenado a 51 anos de prisão por morte de apoiadores de Lula:** Erick Hiromi atirou em direção a uma via pública em outubro de 2022, quando pessoas comemoravam resultado das eleições presidenciais. [S. l.]: Correio Braziliense, 18 jan. 2024. Disponível em: <https://www.correobraziliense.com.br/brasil/2024/01/6789238-bolsonarista-que-matou-apoiadores-de-lula-e-condenado-a-51-anos-de-prisao.html>. Acesso em: 5 ago. 2024.

CAIMI, Flávia Eloisa. Os presentes do ensino de História: (re)construção em novas bases/ Organizado por Luis Fernando Cerri; Juliana Alves Andrade). Recife: ABEH; Ed. Universitária UFRPE, 2023.



COUTO, Lívia Maria Albuquerque. Idade “Mídia”: apontamentos sobre as representações midiáticas e reminiscências medievais na Indústria Cultural Contemporânea. In: Boletim Historiar, vol. 09, n. 01. Jan./Mar. 2022, p. 03-13.

DUARTE, Dave Hanneman Alves. Imagens, representação e uso de cavaleiros da Idade Média pelo movimento de extrema-direita “Instituto Lux Brasil”. Revista Ensaios de História, v. XXIII, n. 1, 2022. Disponível em:

<https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/ensaiosdehistoria/article/view/3880>. Acesso em: 27 mar. 2024.

ELLIOT, Andrew B. **Um Caso de Amor Vil**: O nacionalismo de direita e a Idade Média. (trad. Luiz Guerra). Blog do POIEMA. Pelotas 03 out 2023. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/poiema/texto-um-caso-de-amor-vil-o-nacionalismo-de-direita-e-a-idade-media/> Acesso em: 5 ago. 2024.

**FORUM. Homens vestidos de "cavaleiros templários" invadem protesto feminista no Piauí**: O protesto, inspirado na performance "um estuprador no seu caminho", denunciava o aumento dos índices de feminicídio e violência contra a mulher no Piauí. [S. l.]: Redação, 21 dez. 2019. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/mulher/2019/12/21/homens-vestidos-de-cavaleiros-templarios-invadem-protesto-feminista-no-piaui-66306.html> . Acesso em: 5 ago. 2024

LOPEZ, Juan Ignacio Jurado Centurion. Por outro imaginário medieval: nos bastidores da literatura (um olhar desde o novo medievalismo). In: Revista Graphos, vol. 22, nº 3, 2020 | ufpb/ppgl | issn 1516-1536

MARTINS, Felipe G. A nova era chegou. É tudo nosso! Deus vult!. [S. l.], 1 jan. 2019. Twitter: @filgmartin Disponível em: <https://x.com/filgmartin/status/1079923922760540160?lang=en&mx=2> . Acesso em: 7 jul. 2024.

**MENDONÇA JÚNIOR, Francisco de Paula Souza de. Os cavaleiros templários... No Brasil? Em 2020?**: Elementos referentes à Idade Média, como sujeitos fantasiados como



cavaleiros medievais, aparecem nos mais diversos formatos em estratégias de apoio ao bolsonarismo. Por que a extrema-direita no Brasil e no mundo têm se interessado tanto pela Idade Média?. Santa Maria: Mais História, por favor!, 31 jul. 2020. Disponível em: <https://medium.com/@podcastmaishistoriaporfavor/os-cavaleiros-temp%C3%A1rios-no-brasil-em-2020-35582def0cdf>. Acesso em: 5 ago. 2024.

PACHÁ, Paulo. Por que a extrema-direita brasileira ama a Idade Média Europeia?. Rio de Janeiro, 8 abr. 2019. Disponível em:

<https://esquerdaonline.com.br/2019/04/08/por-que-a-extrema-direita-brasileira-ama-a-idade-media-europeia/>. Acesso em: 23 abr. 2024.

PACHÁ, Paulo. Why The Brazilian Far Right Loves The European Middle Ages: In Jair Bolsonaro's Brazil, the new government and far-right groups are propagandizing a fictional version of the European Middle Ages to legitimize their reactionary agenda.. [S. l.], 18 fev. 2019. Disponível em:

<https://psmag.com/ideas/why-the-brazilian-far-right-is-obsessed-with-the-crusades> . Acesso em: 25 mar. 2024.

PACHÁ, Paulo. Deus vult: uma velha expressão na boca da extrema direita. [Entrevista concedida a] Ethel Rudnitzki, Rafael Oliveira. **Pública**, 30 abr. 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/04/deus-vult-uma-velha-expressao-na-boca-da-extrema-direita/>. Acesso em: 22 set. 2024.

SCHUESSLER, Jennifer. Extremismo de direita busca na Idade Média símbolos e discurso de 'herança branca'. O Globo. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/extremismo-de-direita-busca-na-idade-media-simbolos-discurso-de-heranca-branca-23643327>> . Acesso em: 27 mar. 2024.

VIANNA, L. J.; DE CASTRO SANTOS, I. P. O ensino de história medieval e as mídias digitais: possíveis reflexões para uma prática pedagógica significativa. Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 16, n.2, jul.-dez., 2023, p. 140 - 163.



YOUNG, Helen; UNIVERSITY, Deakin. Por que a extrema direita e supremacistas brancos adotaram a Idade Média e seus símbolos?. Tradução: Luiz Guerra. The Conversation, 13 jan. 2021. Disponível em:

<https://linhas-ufrj.org/2021/01/16/por-que-a-extrema-direita-e-supremacistas-brancos-adotaram-a-idade-media-e-seus-simbolos/>. Acesso em: 25 mar. 2024.